

A minha amiga Vera Alexandrina, obedecendo a uma tendência muito comum na adolescência, a de praticar pesquisas arqueológicas, desde cedo começou a calcorrear os montes e os vales da sua terra, na ânsia de descobrir objectos antigos escondidos debaixo do chão ou restos de construções deixados pelos homens de outros tempos.

Ao contrário do que acontece com a maioria dos adolescentes, em que ao lado de muitas outras, essa tendência representa apenas a busca da definição de uma provável vocação, ou simplesmente o despontar de alguma vivacidade de espírito, ou a revelação de um gosto de coleccionador, ou de um espírito de aventura, ou do gosto pela descoberta, em Alexandrina essa tendência veio a revelar-se, de facto, vocação decisiva, definitiva. A minha amiga viria a tornar-se numa praticante da ciência arqueológica.

Se a maior parte da vida a passa ela em excursões por grutas e cavernas, em congressos e seminários da especialidade, colaborando ainda em revistas e exercendo actividade docente, não deixa também de se interessar pelas Artes, pelas Letras, pela vida social e política do País. Para além dos cientistas, seus colegas, mantém convívio com escritores, artistas plásticos e vários intelectuais. Os seus escritos científicos são apreciados pelo rigor dos métodos de trabalho e também pelo estilo comunicativo, claro, com que elabora a narrativa das suas pesquisas, sempre entremeada de peripécias, de certo tom de aventura e até de alguns momentos de poesia. Se, como arqueóloga, as suas buscas incidem na reconstituição do passado, não deixa de se debruçar atentamente sobre a observação do mundo vivo actual e das pessoas próximas. Posso afirmar, Vera

Alexandrina tem tanto de arqueóloga como de psicóloga e de escritora.

E aqui está o termo para onde dirijo esta minha apresentação: é que, em privado, Alexandrina tem feito várias tentativas literárias, logo depois destruídas porque o seu espírito crítico a leva a considerá-las meros tentames, não reveladores de autênticos méritos artísticos. Apesar disso nos últimos tempos aconteceu-lhe levar até ao fim a escrita de um romance.

Apareceu-me há dias com uns poucos de grossos cadernos manuscritos, depositou-os sobre os meus joelhos e exclamou num tom entre o da alegria e o de um quase terror: «Vê isto! Acabei um romance!»

Como eu olhasse para ela sem nenhum espanto, interpelou-me, ansiosa: «Não te admiras? Não se trata de nenhum novo trabalho científico, ouviste? É um romance, um romance, que hoje terminei!»

Respondi-lhe: «Não, não me admiro. Sempre pensei, isso da tua parte seria bem possível.»

Ela, num abatimento: «De facto escrevi esses cinco cadernos. Mas acho tudo um disparate e lamento o tempo perdido.» Riu com amargura irónica e acrescentou: «Agora sou romancista!»

Interrompi-a: «Por que não?»

— Simplesmente porque não sei fazer romances.

— Ora, Alexandrina, um romance, em última análise, como já tem sido dito, é contar uma história.

— Sabes melhor que eu, hoje já não se usa esse tipo de romance. O que é preciso é construir jogos de tempo, usar de habilidades com discursos indirectos livres, alternâncias de narradores, confusão de personagens, sei lá... Ao passo que eu fui escrevendo ao sabor da minha memória, das minhas interpretações, e também das minhas fantasias. E não calculas como tantas vezes, utilizando a educação científica, tive de refrear os meus ímpetos narrativos e, paulatinamente, entregar-me a uma analítica minuciosa, aprofundante, progressiva. Mas agora pergunto a mim própria se poderei apresentar em público este escrito como um romance, uma obra literária?

— Mas quem te irá dizer isso, Alexandrina?

— Tu! Por isso o trouxe, para que tu, minha amiga e escritora, faças uma leitura prévia. Se me disseres que encontras nele ao menos um interesse humano, atrever-me-ei a comunicá-lo. Porque o móbil da minha escrita foi esse, e só esse, a comunicação dos dramas humanos. Achei as minhas personagens tão interessantes, ou antes, a minha personagem, pois por agora acabei por dar apenas uma, ainda que outras aflorem aqui e além, e talvez venha a atribuir-lhes honras de personagens principais noutros romances. Vê só onde já vão os meus projectos... Tinha de escrever, comprehendes, não é verdade?

Li o manuscrito de Vera Alexandrina, a minha amiga arqueóloga-psicóloga, e disse-lhe: «Publica». Acrescentei:

— Olha, eu também sei pouco desses malabarismos ultramodernos — que já começam a cansar! — onde se estabelecem desconstruções, polifonias de sentido, combinações, arranjos e permutações de tempos, de espaços e de pessoas, e se deixam pistas para desenlaces à escolha dos leitores. Ou, como dizia um dos nossos críticos, romances onde os escritores, em vez de introduzirem o *real* nas *palavras*, se entretêm a colocar as *palavras* em jogatina com o mesmo real. Não sei nem quero saber. O que me interessa é a humanidade, os psiquismos, as problemáticas sociais, os significados metafísicos da existência. Tudo mais, em literatura, para mim, é nada. O teu romance, Alexandrina, nesse sentido dos formalismos técnicos, talvez esteja mal feito ou fora de moda. Talvez tenhas abusado da análise psicológica, coisa muito pouco do agrado da maneira de ser dos nossos compatriotas, todos dados a realismos, surrealismos, formalismos e historicismos. É verdade que, agora, muitos dos que começaram por naturalismos e neo-realismos, estão a acabar — *acabar*, é o termo — nos memorialismos românticos. Mas sempre sem entrarem pela psicologia, isso nunca, «a psicologia é um tricô de senhoras», diz o nosso, aliás meu admirado, Vergílio Ferreira que, se não é psicólogo é metapsicólogo, e notável, ainda bem.

O teu romance, Vera Alexandrina, tem lá dentro uma personagem autenticamente feminina. A tua Ana Luísa (ou Ana Gallis) é uma mulher inquietante.

Comunica-o. Publica.

Aconselhei ainda Alexandrina a publicar o seu romance apresentando ao público todas as hesitações por ela sofridas quando procurava o ponto por onde começar a narrativa, iniciar a excursão pelas vidas das personagens. Ao que acedeu.

Será assim que o leitor poderá ver, por exemplo, como lhe custou encontrar um título para o livro, e como todos os que se lhe foram deparando correspondiam afinal a uma progressiva definição do seu tema profundo.

E como ela sentiu com acuidade terrível aquela velha dificuldade que todos os ficcionistas experimentam: a da justificação do seu testemunho.

Sim, como pode um escritor saber o que aconteceu ou está acontecendo em determinadas cenas privadas da vida das personagens? E como pode afirmar alguma coisa dos seus sentimentos íntimos e secretos?

Talvez fosse a mesma dificuldade que levava Leão Tolstoi, quando apresentava certos estados anímicos das personagens, a tomar a precaução de preceder essas descrições destas palavras: «Era como se...»

Problema de sempre, que tem sido resolvido ou torneado de maneiras diferentes, todas mais ou menos falazes. Corajosos e felizes os que se mantêm olímpicamente na sua omnisciência, omnipresença e onnipotência, contando, afoitos, o que sabem de ciência certa...

Origens e Indícios

«Podes imaginar assim o que é a agitação dos átomos no grande vazio, mas sem perderes de vista que uma pequena coisa pode aí representar uma grande e guiar-nos na senda do seu natural conhecimento.»

Lucrécio, *De Natura Rerum*, Livro 2

«O romance não dá as coisas mas os sinais delas.»

Jean-Paul Sartre, *Situations, I*